CAPÍTULO UM

Um mês após a conceção

A pergunta, para Reese: seriam os homens casados tão desesperadamente atraentes para ela? Ou o conjunto de homens que lhe estava disponível sendo uma mulher trans eram apenas aqueles que já tinham esposas cis e que queriam agora «explorar» com ela? A resposta mais fácil, aquela que todas as suas amigas defendiam, era apelidar os homens de cães. Mas agora aqui está Reese — a andar às escondidas com *outro* traidor lindo, encantador e filho da puta. Olha para ela, a usar um vestido de renda preto, sentada no seu *BMW* estacionado, à espera enquanto ele vai a uma *Duane Reade* para comprar preservativos. Depois, vai deixá-lo ir até ao seu apartamento, evitando o olhar de julgamento da sua colega de casa, Iris, e vai deixar que a foda no edredão floral banal que o *último* gajo casado lhe oferecera para que o seu quarto parecesse um pouco mais feminino e atrevido para quando ele quisesse fugir da sua mulher.

Reese já tinha autodiagnosticado o seu problema. Ela não sabia como estar sozinha. Fugia da sua própria companhia, da sua própria solidão. Para além de lhe dizerem o quão horríveis os seus homens traidores eram, os seus amigos também lhe tinham dito que, depois de duas grandes separações, ela precisava de tempo para aprender a estar consigo mesma, sozinha. Mas ela não conseguia estar sozinha de nenhuma forma moderada. Deu a si própria uma semana e começou a isolar-se, a cultivar uma pilha de cinzas de solidão que cresceu sobre si mesma

exponencialmente, até que começou a sonhar acordada com a possibilidade de vender tudo o que tinha e fugir num barco sem destino. Para se recompor, foi para o *Grindr,* ou para o *Tinder,* ou qualquer outra coisa — administrando dez mil *volts* no coração, perseguindo a mais dramática taquicardia de um caso amoroso que conseguisse encontrar. Os homens casados eram os melhores para fugir da solidão, porque eles próprios também não sabiam como estar sozinhos. Os homens casados eram peritos em manter um compromisso, em não abandonar, não importa o que acontecesse, até que a morte os separe. Com a pretensão de estabelecer os limites de «apenas um caso», Reese mergulharia profundamente, duramente. Ao dizer a si mesma que seria apenas um caso, dava-se permissão para cumprir todos os fetiches com que o gajo alguma vez sonhara, para desenterrar todas as suas feridas secretas, para se rebaixar das formas mais exuberantes, perversas e insustentáveis — colapsando depois no ressentimento, na tristeza e no rancor por ter sido apenas um caso, porque, afinal, não fora ela suficientemente corajosa e suficientemente vulnerável para mergulhar profundamente, duramente?

Ela via-se a si mesma como atraente, de rosto redondo e corpo de formas fartas, mas não fingia que parava o trânsito; nem tinha o hábito de observar as pessoas à sua volta a admirar as conquistas do seu cérebro. Mas, com o tipo certo de homem, ela tornava-se um génio para o drama. Conseguia destilá-lo e inflamá-lo como combustível de avião quando a solidão lhe arrefecia os ossos.

O seu homem desta vez era semelhante aos outros. Um gajo bonito, do tipo alfa, que a dominava na intimidade do quarto. Só que este era melhor, porque era um *cowboy* seropositivo que se tornara advogado. Tinha um fraquinho por raparigas trans e contraíra o vírus enquanto traía a esposa com uma mulher trans e a esposa tinha ficado com ele e agora ele regressara aos velhos hábitos. *Wheeeee!*

— Deste o cu ou algo do género? — perguntou Reese no primeiro encontro deles.

— Foda-se, não — respondeu ele. — Os meus médicos disseram que eu tinha uma hipótese em dez mil de contrair por me chuparem. Calcula que pelo menos dez mil broches estão a acontecer a cada minuto, mas esse um em dez mil fui eu. Além disso, ela fez-me muitos broches.

— Claro — disse Reese, que sabia que essa explicação não era factual, mas tinha apenas concordado para se certificar de que ele não ia tentar ser o passivo com ela. No espaço de uma hora, estavam de volta ao seu quarto, com ele a confessar com quem tinha contraído o HIV e onde. Em duas horas, Reese convencera-o a falar sobre a desilusão da sua mulher, em como não estava disposta a deixá-lo fodê-la para pôr uma criança dentro dela, apesar de o seu HIV estar com níveis indetetáveis. Descreveu o quanto a sua esposa odiava os tratamentos de fertilização *in vitro*, como a sua natureza clínica a lembrava repetidamente do que ele tinha feito para a pôr na mesa fria de um médico ao invés de na sua cama conjugal quente.

— Estás a receber muito mais sinceridade de mim do que aquilo que estou habituado a dar — disse o *cowboy*, parecendo surpreendido consigo próprio, enquanto apertava as mamas de Reese. — Deve ser do poder da cona, acho eu.

— Até podes ter a minha cona — respondeu ela, divertindo-se e imitando a pronúncia do seu *cowboy* —, mas uma boa mulher irá esfolar-te a alma.

— É mesmo? — respondeu ele, imitando-a de volta. Levou uma mão à nuca dela, trazendo a cara de Reese para perto da sua. Ela suspirou, ficou fraca.

Os olhos dela vidraram-se nos dele.

— Fazemos assim — disse-lhe ele —, primeiro vou ser dono da tua cona… — Fez uma pausa, e com a mão ainda na nuca dela empurrou-lhe lenta e firmemente o rosto para baixo, de encontro a uma almofada. — Depois veremos da minha alma.

Agora ele desliza de volta para o carro com um pequeno saco castanho cheio de lubrificante e preservativos, e uma sensação de antecipação percorre o estômago de Reese.

— Precisamos mesmo disto esta noite? — pergunta-lhe ele, segurando o saco. — Tu sabes que eu vou querer engravidar-te.

Era por *isto* que ela ainda o aturava: ele percebia. Com ele, ela descobrira que o sexo era real e verdadeiramente perigoso. As mulheres cis, supunha ela, deparavam-se com um arrepio de perigo cada vez que

faziam sexo. O risco, a emoção, de que elas pudessem ficar grávidas — uma única foda para foder (ou abençoar?) as suas vidas. Para as mulheres cis, imaginava Reese, o sexo era um jogo à beira do precipício de um penhasco. Mas até ao seu *cowboy*, nunca tinha tido o prazer daquele perigo em particular. Só agora, com o HIV dele, é que ela encontrara algo análogo àquilo que podia mudar a vida de uma mulher cis. O seu *cowboy* podia fodê-la e marcá-la para sempre. Podia fodê-la e acabar com ela. A sua pila podia obliterá-la.

A sua carga viral era indetetável, dissera ele, mas ela nunca pediu para ver nenhuma análise. Isso iria matar a doçura e o perigo da coisa. Ele também gostava de andar perto do limite, forçando-a a engravidar, para a fecundar com uma semente viral. Fazer dela a mamã, do seu corpo o anfitrião de uma nova vida, parte dela, mas, ao mesmo tempo, algo diferente, como uma eternidade maternal.

— Concordámos em usar sempre preservativo. Tu disseste que não querias que isto te pesasse na consciência — disse ela.

— Sim, mas isso foi antes de teres começado a tomar a pílula.

A primeira vez que ela chamou ao seu PrEP[1] «pílula» foi num restaurante chinês em Sunset Park, onde ele estava seguro de que nenhuma das amigas da sua mulher o encontraria. Ocorrera-lhe como uma piada, mas olhou para ela e disse: «foda-se, acabei de ficar com tesão». Fez sinal para pedir a conta, disse-lhe que ela afinal não iria ver um filme naquela noite e levou-a diretamente para casa para a pôr de barriga para baixo no seu edredão floral. De manhã, ela fazia *sexting*[2] com ele, um dos mais sensuais, mas mais ostensivamente não-sexuais, *sextings* da sua vida — um pequeno vídeo dela a enfiar uns quantos Truvada[3], os seus comprimidos grandes azuis, numa daquelas caixas de plástico de cor pastel com os dias do mês, destinadas para a medicação anticoncecional. A partir daí, as suas «pílulas anticoncecionais» tornaram-se parte da sua vida sexual.

Havia outra razão, para além do estigma, do tabu e da erotização, para a dinâmica e comportamento de ambos ter afetado Reese: ela

[1] PreP significa profilaxia pré-exposição; é tomada antes da ocorrência de um comportamento de risco em contacto com seropositivos. (*N. da T.*)
[2] Troca de mensagens escritas de teor sexual. (*N. da R.*)
[3] Igual a PreP. (*N. da T.*)

queria mesmo ser mãe. Queria-o mais do que tudo. Tinha passado toda a sua vida adulta com *queers*, a consumir as suas relações radicais, o poliamor e os papéis de género, mas, mesmo assim, nunca afastara a imagem das simpáticas mães brancas do Wisconsin que tinham povoado a sua infância. Nunca perdera o desejo secreto de se tornar uma delas. Na maternidade, conseguia imaginar-se longe da sua solidão e carência, porque acreditava que, sendo mãe, nunca estaria verdadeiramente sozinha. Não importava que as suas experiências e as dos seus amigos trans, de amor incondicional materno e paterno, se revelassem sempre terrivelmente condicionais.

Talvez com a mesma importância, enquanto mãe, via-se, finalmente, a receber a condição de mulher que suspeitava que as deusas da sua infância tomavam como direito natural. Preparara-se para isso, em tempos. Tinha estado numa relação lésbica com uma mulher trans chamada Amy — uma mulher com um bom emprego na área da tecnologia e que se tornara tanto num estereótipo suburbano que, quando falava, era como ouvir as palavras ao estilo da Martha Stewart. Com Amy, Reese tinha conseguido aproximar-se de uma possível vida doméstica para uma rapariga trans — a confiança, o tédio e a estabilidade que agora tinham um aspeto tão desbotado como um sonho que recordamos imediatamente após acordar. Até tinham tido um apartamento perto de Prospect Park — o tipo de espaço iluminado e arejado que evidenciava o bom gosto e o respeito robusto, tanto que a ideia de mostrar a casa às agências de adoção se tinha tornara o menor dos obstáculos à maternidade.

Mas agora, três anos depois, quando o conta-quilómetros de Reese se aproximava da metade dos seus 30 anos, ela começava a pensar naquilo a que chamava Problema *Sexo e a Cidade*.

O Problema *Sexo e a Cidade* não era apenas um problema de Reese, era um problema para todas as mulheres. Mas, ao contrário de milhões de mulheres cis antes dela, nenhuma geração de mulheres trans alguma vez o tinha solucionado. O problema podia ser descrito da seguinte forma: quando uma mulher começa a reparar no seu envelhecimento, a possibilidade de fazer com que a sua vida tenha algum sentido torna-se cada vez mais urgente. Uma necessidade de se salvar, ou de ser salva,

à medida que as alegrias da beleza e da juventude se repetem com cada vez menos efeito. Mas, na procura de um sentido, argumentava Reese — apesar das mudanças trazidas pelo feminismo —, as mulheres ainda dispunham de apenas quatro grandes opções para se salvarem, as quais eram representadas pelos arcos narrativos das quatro personagens femininas de *Sexo e a Cidade*. Encontra um companheiro e sê uma Charlotte. Tem uma carreira e sê uma Samantha. Tem um bebé e sê uma Miranda. Ou, finalmente, expressa-te na arte ou na escrita e sê uma Carrie. Cada geração de mulheres reinventou esta fórmula vezes sem conta, acreditava Reese, misturando-a e torcendo-a, mas nunca conseguindo escapar dela.

No entanto, para cada geração de mulheres trans antes da de Reese, o Problema *Sexo e a Cidade* era uma ambição. Apenas as mulheres trans mais raras, mais furtivas, mais bem-sucedidas, tinham a oportunidade de o enfrentar. Às restantes, era-lhes impedido o acesso às quatro opções desde o início. Sem empregos, sem amantes, sem bebés e, embora uma mulher trans pudesse ter sido uma musa, ninguém queria arte onde ela falasse por si própria. E, assim, as mulheres trans transformaram-se numa espécie de *No Futurism*[4], e enquanto outros *queers* celebravam a ironia, a alegria e as sepulturas em que os *queers* frequentemente acabam demasiado cedo, essa pressa para seguir para o *No Future* parecia muito mais glamorosa quando o belo cadáver deixado para trás era uma escolha selvagem e voluntária em vez de uma probabilidade estatística.

Quando Reese vivia com Amy, ela própria aspirava ter o Problema *Sexo e a Cidade*. Parecia-lhe radical, como mulher trans, dar-se ao luxo da contemplação de como se poderia tornar burguesa. Parecia ser um sucesso que ninguém o tivesse escolhido por ela. Depois, Amy destransicionou[5] e tudo foi por água abaixo.

Agora a falta de futuro começava a estar de novo à vista. Agora Reese transformava os prémios das outras mulheres na sua própria felicidade e fazia bebés a partir de vírus.

— Muito bem — diz ela, depois de ele ter conduzido durante cerca de dez minutos.

[4] Referente a uma teoria *queer* sobre o futuro da reprodução em pessoas *queer*. (*N. da T.*)
[5] Reversão do processo de transição de género. (*N. da R.*)

— Muito bem o quê?

— Muito bem. Vamos ver se me consegues engravidar.

— A sério?

— Sim. — O *cowboy* começa a falar, mas ela interrompe-o. — Só que, se vamos fazer isto, tu tens de começar a tratar-me melhor. Tens de me tratar como a mãe do teu filho.

Ele aproxima-se para beliscá-la de lado.

— Mãe do meu filho? Vá lá. Tu não queres isso. Se eu te engravidar, o que tu vais querer ser é a adolescente de dezasseis anos grávida que vive num mau bairro da cidade. Queres que todos saibam que é porque és uma puta fácil.

Ela retorce-se para longe do seu beliscão.

— Estou a falar a sério. Trata-me melhor.

Ele franze a testa, mas mantém os olhos na estrada.

— Sim. Está bem, vou tratar. Vamos buscar comida — diz ele, ao travar num semáforo vermelho.

— A sério?

Estavam a ir para o bairro de Reese, Greenpoint, e ele recusava-se com frequência a comer com ela naquela zona. Conhecia demasiadas pessoas que lá viviam. Uma vez, ela forçou-o a ir a um bufete vegano perto de casa dela e ele mal olhou para ela o tempo todo. Em vez disso, o seu olhar desviava-se para a porta sempre que alguém entrava. Depois disso, ela começou a permitir que ele a levasse para sul, ou por vezes para Queens. Nunca Manhattan, nunca Williamsburg, locais onde a mulher dele fazia a sua vida social.

Mas, agora, ela diz que ele pode fodê-la sem preservativo e todas as regras dele deixam de existir. Reese tem um momento de satisfação. O seu corpo é o seu grande trunfo.

— Sim — responde ele. — Podias ir a algum sítio buscar comida para levar.

Claro. Para levar. Com ele à espera no carro. Ela acena com a cabeça.

— Claro, o que é que te apetece?

No restaurante tailandês, ela não pede nada para si. Ele adora caris com picante quase impossível de comer na escala de Scoville. Ela

não. Vai cozinhar algo para si em casa, depois de ele sair. Ela está no *Instagram* quando o telemóvel toca, e é um número que não reconhece, um código de área fora do estado. O *cowboy* usa o *Google Voice* para que as mensagens dela não apareçam no seu *iPad* em casa, que ele às vezes empresta à mulher, e o *Google* encaminha frequentemente as chamadas através de números estranhos.

Ela carrega no botão verde para atender e aproxima o telemóvel do ouvido.

— Vou levar-te caril verde com carne de vaca e picante de cinco estrelas — diz ela como forma de saudação.

— Olá, isso é simpático da tua parte, mas não sei se ainda te lembras de que eu sempre fui fraco com picante.

Uma voz masculina. Quente e suave, nada parecido com o sotaque arrastado do seu *cowboy*, que ele de alguma forma conseguiu manter, mesmo vivendo durante anos em Nova Iorque.

Ela baixa o telefone para verificar o número.

— Quem é?

O tom do homem muda, não exatamente apologético, mas convidativo.

— Reese. Olá. Desculpa, é o Ames.

Lá fora, dentro do carro, está o seu *cowboy*, com o brilho do seu próprio telemóvel a iluminar-lhe os óculos que só usa para ler. Ela vira-se de costas, como se ele a pudesse ouvir através das janelas de vidro do seu carro, do vidro da placa do restaurante, por cima do barulho da cozinha e da conversa dos clientes.

— Porque é que estás a ligar, Ames? Pensei que não íamos voltar a falar.

— Eu sei.

Ela espera, mantém os lábios unidos. Consegue ouvi-lo a respirar. Quer obrigá-lo a falar primeiro.

— Não estou a ligar para te incomodar — prossegue. — Estava na esperança de que me pudesses ajudar.

— Ajudar? Não sabia que ainda tinha alguma coisa em mim que tu pudesses tirar.

Ele faz uma pausa.

— Tirar? — A sua perplexidade parece genuína. Esse era todo o seu problema. Ele não conseguia ver o que tinha levado dela. — Talvez eu mereça isso. Mas prometo que não estou a ligar por causa disso. É quase o oposto.

— Estou num encontro. A minha comida tailandesa está quase a sair.

Ela sabe que isso é algo vingativo de se dizer. Mas não consegue evitar. Ele expulsou-a e ela quer tanto retribuir o favor como quer provar-lhe que a sua vida seguiu em frente.

— Posso ligar-te noutra altura?

— Não, tens até a minha comida sair para te explicares.

— Tens aí algum homem a ver-nos falar?

— Estou a receber a comida para levar. Ele está à espera no carro. — Uma satisfação bate no peito de Reese. É óbvio que, por mais que Ames possa ter antecipado esta conversa, ela lhe estragou os planos.

— Está bem — diz ele —, queria explicar isto com calma, mas vamos fazê-lo à tua maneira. Lembras-te de como sempre quiseste que tivéssemos um bebé? Que era isso que estávamos a planear?

Algo de errado deveria estar a passar-se com ele para que lhe ligasse a falar desse assunto. Ele não era do tipo que magoava as pessoas por diversão e certamente sabia que uma pergunta dessas, feita tão diretamente, iria magoá-la. Sentiu-se estúpida por lhe ter dito que estava num encontro.

— Isso ainda é algo que tu queres? Um bebé? — A pergunta termina num tom elevado, como se estivesse com medo da sua audácia por tê-la feito.

— Claro que ainda quero um bebé, foda-se — explode ela.

— É tão bom ouvir isso, Reese — diz. O seu tom é de alívio.

Ela conhece-o tão bem que quase consegue imaginar a forma como o seu corpo está a relaxar.

— Porque aconteceu uma coisa. Mesmo depois de tudo, tu és a pessoa em quem eu mais confio para falar sobre isso. Por tudo o que tivemos, por favor, por favor, posso ver-te? Preciso muito de falar contigo.

— Terás de me dizer mais do que isso, Ames.

Ele expira.

— Muito bem. Engravidei uma mulher. Vou ter um bebé.

Reese não consegue acreditar. Não consegue acreditar que Ames lhe ligou para lhe contar que tinha conseguido aquilo que ela queria tão desesperadamente. Fecha os olhos, conta até cinco.

A empregada de mesa atrás do balcão larga um saco castanho e faz sinal para indicar que é o seu pedido. Mas Reese não repara. O seu *cowboy*, o caril verde de cinco estrelas, a pílula anticoncecional que ele lhe dará mais tarde — tudo está perdido para ela. Em algum lugar, de alguma forma, Amy fizera o impossível: conseguira um bebé.

Katrina senta-se na cadeira em frente à secretária de Ames. O momento tem um ar de inversão fora do comum. Como ela é a sua chefe, é Ames que vai quase sempre ao seu escritório, sentando-se à frente da sua secretária. O escritório dela, correspondente às suas posições de hierarquia na agência, tem o dobro do tamanho do dele, com duas janelas de parede com vista para dois edifícios vizinhos e, entre eles, um pedaço de vista para o East River. Em contraste, o escritório de Ames tem uma janela com vista para um pequeno parque de estacionamento. Uma vez, ao pôr do sol, ele viu uma criatura castanha a passear alegremente pelo pavimento — e desde então tem afirmado que se tratava de um coiote urbano. Cada um fica feliz com o que tem.

Katrina remexe uma série de documentos dentro de uma mala, tira uma pasta castanha e atira-a para cima da secretária dele. A visita ao seu escritório deixa-o tenso, como um adolescente cujos pais entraram no seu quarto.

— Bem — diz ela. — É real. Isto está a acontecer.

Ele pega na pasta. Tem uma boa postura e devolve-lhe um sorriso tranquilo. A pasta abre-se para revelar imagens de um paciente do portal *online* de uma clínica.

— A minha ginecologista — diz Katrina, observando-o de perto. — Ela mandou-me fazer um exame de sangue e um exame pélvico. Confirmou os resultados dos testes que fiz em casa. Sem uma ecografia, não consegue dizer de quanto tempo estou, por isso agendei uma para a próxima quinta-feira. Quero dizer, sei que talvez ainda não tenhas a certeza do que sentes, mas talvez possa ajudar se vieres. Se estiver de

mais de quatro semanas, seremos capazes de ver o bebé… ou, sei lá, o embrião?

Está ciente de que ela está a olhar para ele à procura de uma reação. Ele fora incapaz de ter uma após o teste de gravidez ter dado positivo. Sente a mesma dormência que sentiu naquele momento, só que agora não pode mais adiar dizendo-lhe que quer esperar pela confirmação oficial antes de se envolver emocionalmente.

— Ótimo — diz ele, e tenta sorrir, mas tem receio de que possa estar a fazer uma careta. — Acho que é real! Especialmente porque temos — procura brevemente por uma frase, e depois apresenta-se com — uma pasta inteira de provas.

Katrina ajeita-se para cruzar as pernas. Está a usar saltos de cunha casuais. Ele repara sempre na roupa dela, metade por admiração e metade por hábito de acompanhar o que se passa no campo da moda feminina.

— A tua reação tem sido difícil de entender — diz ela cuidadosamente. — Não sei, pensei que talvez, se visses algo definitivo, seria capaz de avaliar como te estavas realmente a sentir. — Ela faz uma pausa e engole em seco. — Mas ainda não consigo.

Ele observa o esforço que ela precisa de fazer para demonstrar tanta assertividade.

Levanta-se, contorna a secretária e encosta-se à mesma, à frente dela, de modo que a sua perna toque na dela.

Olha para as anotações médicas. Há uma lista de resultados de exames, mas não consegue entendê-los. O seu cérebro leva um choque quando cruza os dados que aparecem com clareza — ele vai ser pai — com os dados que guarda no seu coração: ele não deveria ser pai.

Já passaram três anos desde que Ames deixou de tomar estrogénio. Aplicou a sua última dose no trigésimo segundo aniversário de Reese. Reese, a sua ex, ainda vive em Nova Iorque. Não se falam há dois anos, embora ele lhe tenha enviado um cartão de aniversário no ano passado. Não recebeu nenhuma resposta. Ao longo da relação, ela sempre falou com segurança sobre como teria um filho antes dos trinta e cinco anos. Tanto quanto ele sabe, isso ainda não aconteceu.

Só agora, três anos após a separação, é que Ames é capaz de falar sobre Reese casualmente, chamando-a «minha ex» e dando continuidade à conversa sem ficar a remoer no assunto. Porque, na verdade, ele ainda sente tanto a sua falta que falar sobre ela e pensar nela continua a ser perigoso — da mesma maneira que um alcoólatra não pode pensar muito sobre o quanto gostaria de beber apenas um copo. Quando Ames pensa muito em Reese, sente-se abandonado e fica furioso, melancólico e, o pior de tudo, envergonhado. Porque tem dificuldades em explicar exatamente o que ainda quer dela. Durante algum tempo, pensou que era romance, mas o seu desejo já perdera qualquer tonalidade sexual. Em vez disso, sente saudades dela de uma forma familiar, da mesma maneira que sentiu saudades e se sentiu traído pela sua família biológica quando cortaram relações com ele nos primeiros anos da sua transição. O seu sentimento de abandono toca-lhe num nervo mais profundo, mais adolescente do que o de um amor romântico rejeitado na vida adulta. Reese não fora apenas sua amante, fora algo mais parecido com uma mãe. Ela ensinara-o a ser mulher… ou ele aprendera a ser mulher com ela. Ela tinha-o encontrado num estado plástico de desenvolvimento precoce, uma segunda puberdade, e moldara-o ao seu gosto. E agora saíra da sua vida, mas a impressão das suas mãos permanecia, de modo que ele nunca a poderia esquecer.

Não tinha compreendido o quão pouco sentido fazia como indivíduo sem Reese até ela ter começado a separar-se dele, até a falta dela se ter tornado tão dolorosa que ele começara a querer mais uma vez a armadura da masculinidade e, de certa forma, desordenadamente, destransicionou para se adequar em pleno.

Então agora, três anos tinham passado com ele a viver novamente num corpo dependente de testosterona. No entanto, sem as injeções ou comprimidos, Ames acreditava que tinha tomado bloqueadores de androgénio suficientes para ter atrofiado os testículos ao ponto de uma esterilidade permanente. Foi o que disse a Katrina quando foderam pela primeira vez, na noite da bebedeira, na festa anual de Páscoa da agência. Disse-lhe que era estéril — não que tinha sido uma mulher trans com testículos atrofiados.

Ames folheia os papéis da pasta castanha que Katrina lhe trouxe. Por baixo das anotações da sua médica estão outras anotações, como se fossem tópicos do *Reddit*.

— O que é isto?

Ela leva a mão à barriga. Está lisa, sem o típico alto das barrigas das grávidas, mas já a segura como uma grávida.

— Bem, eu sei que disseste que agora estavas estéril. Andei a pesquisar, e as vasectomias são cerca de noventa e nove por cento eficazes, mas encontrei algumas mensagens em fóruns de homens que mesmo assim engravidaram mulheres…

Ele levanta a mão.

— Espera lá. Eu nunca disse que tinha feito uma vasectomia.

O escritório dele, como todos os escritórios dessa fila, tem apenas uma parede de vidro que o separa do corredor. O dele é o último da fila, ao lado de um canto no qual está enfiada a fotocopiadora, o bebedouro de água, a cafeteira e uma pequena cozinha abastecida — devido a uma recente campanha dos recursos humanos — apenas com *snacks* orgânicos saudáveis. A fila de colegas no corredor permanece constante ao longo do dia. Não consideraria o seu escritório um local ideal para se expor como ex-trans.

— Não? Mas não usamos preservativos há meses e durante esse tempo todo pensei… mas como assim, então? Como se fosse uma baixa contagem de espermatozoides?

— Tive níveis de testosterona muito baixos durante algum tempo. — Ele esforça-se para manter um tom de voz casual, para resistir ao impulso nervoso de o baixar. — E, durante esse tempo, os meus testículos atrofiaram e o meu médico disse-me que o meu esperma nunca iria voltar a ser viável.

Quando Ames foi buscar uma prescrição de estrogénio pela primeira vez, teve consulta com um endocrinologista gentil e idoso, que tinha acolhido pacientes trans, não devido a qualquer interesse especial em género, mas porque os pacientes trans ficavam, nas suas palavras, «tão felizes por virem ter comigo para o tratamento». A maioria dos outros pacientes do médico sofria de distúrbios hormonais que os tornavam

emocionalmente voláteis. Depois deste endocrinologista ter descoberto a gratidão dos trans, preenchera a sua agenda com o maior número de trans que conseguira encontrar.

Ames, que não tinha um historial terapêutico adequado aos trans, e nenhum dos documentos que os guardiões das hormonas tinham tendência a exigir, passara semanas antes da consulta a preocupar-se com o facto de que o endocrinologista o iria declarar «não verdadeiramente trans», recusando-lhe as hormonas. Ao saber que o médico valorizava a gratidão, Ames desfez-se em agradecimentos e saiu com uma prescrição de estrogénio injetável. Na consulta seguinte, o médico confidenciou:

— Na última consulta, talvez lhe tenha receitado algo precipitadamente. Deveria ter-lhe falado mais sobre a esterilidade.

Disse a Ames que a esterilidade permanente iria instalar-se nos primeiros seis meses de um regime de terapia de substituição hormonal e recomendou-lhe um banco de esperma.

No dia seguinte, Ames arranjou coragem e ligou para o banco de esperma. Não queria pensar na paternidade, aquela última pluma no chapéu da masculinidade, mas mesmo assim forçou-se a fazer a chamada. Uma rececionista atendeu do outro lado da linha e deu-lhe os valores anuais para armazenamento de esperma semelhantes à sua assinatura do serviço de televisão por cabo, o que ele supôs ser um custo razoável para preservar a viabilidade da sua futura linha genética. A rececionista pediu-lhe que aguardasse enquanto marcava uma data, com Vivaldi a tocar na linha de espera. Ames ponderou se deveria cancelar a sua assinatura da *HBO* para poder pagar este banco de esperma. Não conseguia compreender por completo o enorme peso da paternidade e da linhagem geracional, mas conseguia facilmente compreender o quanto não queria cancelar a *HBO*.

Sem mais ponderações, desligou. Na primavera seguinte, quando os seus mamilos começaram a doer, percebeu que era tarde de mais de qualquer maneira. Quanto mais os seus mamilos doíam, menos ele sufocava com o pavor que fazia companhia aos pensamentos da paternidade. Agora, com Katrina sentada no seu escritório, pela primeira vez em muito tempo, tinha de pensar na possibilidade de ter gerado uma criança. Em breve, muito em breve, iria ser convocado para tomar

alguma decisão que levaria a outras decisões, gerações de decisões causadas por essa decisão.

— Os teus testículos atrofiaram? — pergunta Katrina, perplexa. — Mas eles pareciam-me normais!

— Sim — concorda. — Quero dizer, não são enormes nem nada.

— Não, não são enormes — afirma Katrina, e depois acrescenta em forma de encorajamento —, mas têm o tamanho ideal.

Do outro lado da parede de vidro do seu escritório, Karen, do departamento de arte, faz uma pausa no corredor para abrir uma barra de granola. Ames apercebe-se subitamente de que ele e Katrina estão casualmente a discutir sobre os seus tomates a meio de um dia de trabalho.

Os colegas de trabalho tinham partilhado as coscuvilhices do escritório sobre Katrina imediatamente após Ames ter entrado para a agência: mau divórcio. Ela deixara o marido alguns meses antes de ele ter sido entrevistado para o lugar. Os seus colegas de trabalho contaram-lhe que ela chorava no seu escritório e que depois disse à sua assistente para não encaminhar as chamadas do marido. Ele traíra-a, explicou um deles. Não, não, ela teve um aborto espontâneo. Errado, disse um terceiro, tiveram problemas de dinheiro. A especulação ganhava um tom simultaneamente estranho e compulsivo — ter um chefe é tão comum que raramente se comenta a sua estranheza, no entanto, esta estrutura obriga a seguir um culto de personalidade até mesmo ao redor dos chefes mais banais. Como subalterno, é preciso fornecer uma epistemologia de como se chegou a uma situação em que ela se sobrepôs à sua preciosa autonomia. Uma compreensão básica da mecânica arbitrária do capitalismo não é algo que satisfaça — o coração exige uma explicação humana. Ou, pelo menos, foi isso que Ames disse para justificar a sua paixoneta inicial.

Ainda assim, ao longo daquele primeiro ano em que Ames trabalhou para Katrina, ela manteve a sua vida pessoal exatamente dessa forma. Em vez de falar sobre o seu divórcio, Ames intuiu-o. Ele notava uma ligeira mágoa e exasperação que se agarravam a ela, a angústia quase adolescente e a disposição para testar más ideias, o que resultava numa certa atitude de que-se-foda para com o seu trabalho e numa honestidade direta para com os seus empregados.

Ela desenvolveu uma suspeita visceral das narrativas convencionais. Os clientes corporativos anódinos que visitavam a agência ocasionalmente recebiam uma ou duas ideias muito mais obscuras e experimentais para as suas campanhas de *marketing online* colocadas entre outras mais comuns. Dadaísmo para a campanha de lixívia *Clorox*. Desespero ciborgue para as baterias *Anker.* Uma série de anúncios de rádio para a *Purina*, na qual Jon Lovitz alimentava a nostalgia dos anos noventa ao voltar a representar o seu papel de culto, o crítico Jay Sherman, com a finalidade de dar críticas negativas a diversos cães bebés. Isso tornava-a boa no seu trabalho. Ames interpretava a sua tendência para repetir a narrativa como algo induzido pelo divórcio.

Quando já estavam bastante envolvidos, depois de já terem dormido juntos muitas vezes, ela trouxe o tema do divórcio à tona. Estavam na cama dele, de lado, um de frente para o outro, ele apoiado num cotovelo, ela com o rosto apoiado numa das suas almofadas verde-floresta, com o seu cabelo castanho brilhante descendo da cabeça para a almofada e para a cama. A luz da cabeceira da cama que brilhava atrás dela iluminava os focos mais externos do seu rosto — instintivamente, ele ainda prestava atenção às curvas das sobrancelhas.

— Eu sei que as pessoas no escritório provavelmente te contaram do aborto — disse ela. — Fui estúpida ao falar sobre isso com algumas pessoas. Contar seja o que for à Abby é um erro.

Ele riu-se porque sim, a Abby era uma coscuvilheira.

— Quando te divorcias — disse ela após um momento —, todos esperam que forneças uma história para justificar a situação. Todas as mulheres que conheci e que se divorciaram tinham uma justificação para o sucedido. Mas, na vida real, a história e as verdadeiras razões para o divórcio divergem. Na realidade, as coisas são mais ambivalentes. As minhas próprias razões estão mais próximas de um tom do que de uma série de causas e efeitos. Mas, quando falo sobre isso, sei que as pessoas querem uma causa e um efeito, um *porquê* que seja claro.

— Muito bem — disse Ames. — Então, qual foi o tom do teu divórcio?

— Eu gosto de lhe chamar o Tédio da Heterossexualidade.

— Estou a ver. Ainda sofres do tédio da heterossexualidade? — perguntou Ames, gesticulando dramaticamente para o cenário pós-coito do quarto.

— Sofri um aborto espontâneo — respondeu ela em tom de desafio, atravessando a ironia dele.

Ames desculpou-se de imediato.

Katrina moveu a almofada e quando, se virou de novo para Ames, a sua expressão parecia ser de… divertimento?

— Olha, acabaste por me dar razão. Quando falei do tédio da heterossexualidade, tu desafiaste-me, mas quando falei sobre o aborto pediste imediatamente desculpa. É por isso que o aborto é a história oficial do meu divórcio. Nunca ninguém a desafiou. Os abortos são privados e por isso o meu é um cartão de passagem livre. Tornou este divórcio numa situação em que o Danny era um homem sem culpa, um luto onde tu perdes algo que não consegues nomear. As pessoas assumem que o luto conduziu a uma triste barreira entre um casal… ninguém tem culpa. Tudo é assumido. Nunca ninguém pergunta como é que eu realmente me senti em relação ao aborto.

— Como é que te sentiste em relação ao aborto? — perguntou Ames.

— Senti-me aliviada.

— Aliviada?

— Sim. Senti-me aliviada. O que fez com que me sentisse uma psicopata. Li todos os artigos sobre abortos espontâneos em revistas femininas e todos diziam que eu sentiria dor e culpa. Asseguravam-me que a culpa não era minha: que não era por causa daquele copo de vinho que bebi uma vez ou daquela sanduíche italiana cheia de carne processada. Mas nunca pensei que a culpa fosse minha. A minha própria culpa veio da falta de sentimento de culpa. Depois de um tempo a sentir-me assim, comecei a questionar-me sobre o porquê. Porque deveria sentir-me aliviada? Isso levou-me a olhar mais atentamente para o meu casamento. Sentia-me aliviada por causa de algo que não queria admitir: não queria mais estar com o Danny e, se tivéssemos um filho juntos, teria de estar. O Danny foi um bom namorado para ter quando eu era mais nova, quando estávamos na faculdade. Do mesmo modo que um São Bernardo seria um bom cão para ter se estivesses perdido nas montanhas. Um corpo grande e amável que servia de esconderijo para uma rapariga. O Danny era adequado a uma ideia que herdei, talvez por ter crescido em Vermont, daquilo que um homem deveria

ser. Ficávamos bem juntos; soube desde cedo que qualquer fotografia para o anúncio do nosso casamento iria parecer que fora tirada para uma revista. Então, quando ele me pediu em casamento, eu aceitei, apesar de namorarmos há dois anos, e não creio que o sexo tenha durado mais de quinze minutos, incluindo preliminares, e apesar do facto de que, ao fim de três meses de relação, de alguma forma eu já era responsável por lavar a roupa dele. Uma vez, fiz uma piada dizendo que o meu casamento era como um sutiã *push-up*: ficava muito bem debaixo de uma camisola, mas sabes que é apenas um efeito artificial e que no fim do dia mal podes esperar para tirar aquela porcaria. As minhas amigas riram-se, mas eu senti-me gelada, porque percebi que, inadvertidamente, tinha dito a verdade e era uma verdade horrível.

Ames ouviu. Uma vez, ela dissera-lhe que gostava de como ele não parecia sentir necessidade de falar ou de dar conselhos quando ela estava a pensar em voz alta.

Katrina tirou os brincos e pousou-os na mesa-de-cabeceira.

— O Danny e eu estudámos em Dartmouth com um casal — o Pete e a Lia. Quando eles se mudaram de Seattle para Nova Iorque, organizaram um encontro onde convidaram outros casais para ver a série *Cheers* e comer tarte. Os casais eram o tipo de pessoas que gostavam de fazer escalada e chamavam-se a si próprios *foodies*. Todos, menos eu, eram muito, muito brancos. Ver *Cheers* fazia parte da sua estranha ironia *hipster*. Todos nós desprezávamos a política sexual dos anos oitenta como se fôssemos melhores do que isso, como se tivéssemos registado um grande avanço desde aquela época. O mulherengo do Sam Malone e a estridente, mania-de-aspirante-feminista-mas-secretamente-louca-por-pila, qual é o nome dela? Oh! Não me consigo lembrar do nome dela.

— Diane — disse Ames.

— Exato, Diane. Só me lembro de uma noite, depois de ter perdido o bebé, em que todos os homens, assim que o programa começou, se enrolaram à volta das suas esposas e cada uma delas se instalou nos braços do respetivo marido, contente. Como animais unidos. E, de repente, todos eles pareciam macacos a catarem-se uns aos outros. Fiquei enojada. E o Danny, sentado naquele sofá de canto, abriu os seus longos braços

para que eu me aninhasse neles como todas as outras boas esposas. Mas não o fiz. Sentei-me firmemente ao seu lado no sofá com um palmo de espaço entre nós. Os anfitriões puseram *Cheers* a dar, e assistimos a homens e mulheres a dizerem coisas horríveis uns aos outros e rimos como se isso não fosse o que nós também fazíamos. Ou fazemos.

— Sim — disse Ames, acenando com a cabeça.

— E durante toda a sessão — prosseguiu Katrina —, o Danny continuava a olhar para mim com uma expressão de dor. Tenho a certeza de que não sabia o que era pior: o que eu pensava ou o que todos os nossos amigos pensavam. Mas eu não queria saber. Naquela altura, não havia nada que me pudesse ter induzido preocupação com os sentimentos de mágoa dele. Naquele momento, culpei-o por me ter arruinado. Por me ter transformado numa psicopata. Os meus pensamentos estavam focados nele como se eu o estivesse a esfaquear mentalmente com eles. Repetidamente, tinha as palavras na minha mente: *se não me irritasses, eu não estaria contente por ter perdido o bebé.* Não acho que fosse justo ou mesmo lógico, mas compreendia que me tinha sentido assim durante muito tempo. Nunca me atrevi a traduzir essas ideias para palavras. Apenas algo sobre a presunção libertada naquela situação, de ter de ser o seu macaco de colo de estimação, enquanto fingíamos ser evoluídos.

Katrina parou a sua própria história com um riso sem alegria.

— E também penso que foi por volta dessa altura que encontrei a sua coleção secreta de pornografia asiática.

— Ele tinha uma coleção secreta de pornografia asiática?

— Uma coleção enorme no computador e alguns DVD com o título *Asiáticas Anais* ou algo do género.

— Não sei — disse Ames. — Se eu fosse uma mulher asiática e o meu marido tivesse uma coleção de pornografia asiática, talvez até me sentisse lisonjeada. Pelo menos, significaria que se sentia atraído por mim.

— Não — disse ela. — Tu não percebes. Significa que começas a dar lugar a suspeitas arrepiantes de que depois de tudo o que passaram, anos de aprendizagem a serem adultos em conjunto, o homem com quem te casaste pode estar contigo apenas porque tem um fetiche com asiáticas…

apesar de eu nunca me ter sentido suficientemente asiática. Ele nem sequer alcançou esse fetiche com precisão.

— O que se pode chamar a esse tipo de perseguidor? — perguntou Ames.

— Esse tipo de quê?

Ele puxou os cobertores à sua volta, subitamente com frio. Teve a sensação de ter entrado às cegas numa tempestade de inverno para descobrir que tinha tropeçado num lago extremamente congelado. Estava a pensar num termo que se pudesse adequar ao contexto.

— Como um *tranny chaser,* um perseguidor de trans. Como se chama um perseguidor de asiáticos?

Ela avaliou-o com um olhar estranho.

— Um perseguidor de arroz — disse ela, sem rodeios. — Em Vermont, ao crescer, as crianças olhavam para o meu pai ao lado da minha mãe e a sua forma preferida de *bullying* era dizer que o meu pai tinha febre amarela.

Ames reparou, de repente, que ela pensava que ele estava a perguntar sobre si mesmo. Que ela pensava que ele queria saber a designação que teria por ter dormido com ela. Evitou um desejo avassalador de protestar, horrorizado. De lhe dizer: *meu Deus, não, eu nunca pensaria que fazer sexo com uma certa pessoa seria o suficiente para obter um rótulo — apenas entendo o que é ser alvo de fetiche. Entendo como é ter alguém que pensa que o desejo por mim é degradante ou humilhante.*

Mas, mesmo naquele momento, tal confissão seria demasiado arriscada. E se a revelação de que ele já tinha sido trans significasse nunca mais ir para a cama com ela? E se isso significasse o fim da relação profissional dos dois? Não, era melhor esperar pelo momento oportuno.

De vez em quando, Ames examinava Katrina e imaginava como seria contar-lhe. Como ela iria reagir. Quando estava sozinho, dizia a si próprio que talvez, quem sabe, ela até estivesse interessada. Que talvez o motivo mais profundo para o seu divórcio com Danny tivesse sido sexual. Que embora não fosse exatamente *queer*, ela também não estava totalmente interessada na vida de uma mulher casada hétero.